

16-06-2021

## O futebol e minhas vergonhas (II)

Rossel Lyra Desmond

[Antropóloga. Indigenista]

Disse que voltaria. Voltei. Minhas vergonhas com o futebol não são pelo futebol em si. Inclusive eu gostava de jogar, por isso meu pai também me levava ao campo, mas no ginásio as meninas só podiam jogar vôlei ou queimado. Meninas eram vetadas pelos meninos no campo de futebol. Nós só servíamos para torcer.

Mesmo com a ascensão do futebol feminino em tempos recentes, continua sendo um esporte profundamente machista. Machista e homofóbico. Mas ainda não é esse o meu foco antropológico. Continuo pensando na mercantilização avassaladora do futebol e os índios. Meu foco também não é, pelo menos não diretamente, o uso do futebol pela política, embora saibamos que uma das bancadas da Câmara dos Deputados, a da bola e a da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), é sua principal usuária.

Escândalos de corrupção não faltam e não se restringem ao Brasil. O FIFAgate e a Conmebol (Sul-Americana) andaram e andam de mãos dadas. Só pra nos mantermos atualizados, a Copa América - torneio regional dos países americanos - seria realizado na Colômbia, depois na Argentina, neste ano. Mas, nossos hermanos recusaram, em virtude da situação da pandemia. E, aí, sempre “e aí”, Bolsonaro confirmou que o Brasil sediará o torneio.

A necropolítica que tem representantes entusiasmados em diversos postos de comando nos governos e nas instituições públicas e privadas, em nosso país, saltitam de alegria com essa possibilidade macabra. O jornalista Jamil Chade (UOL) classificou a decisão dos presidentes da República e da CBF como “**escárnio e destruição moral**”. Novo slogan: *Brasil acima de tudo / Futebol acima de todos* (?). Isso demonstra até onde podem chegar essas pessoas. Numa sociedade de mercado, em que as relações sociais são trituradas num moinho satânico (ver texto anterior), a espiral da falta de escrúpulos no futebol chega no alto da pirâmide com manobras que o velho Castor de Andrade (retratado anteriormente) conhecia muito bem.

Uma pesquisa recente com 500 jogadores profissionais de futebol, no país, mostra que 75% ganham menos de R\$ 7 mil, 38% ganham menos de R\$ 2 mil e 55% ganham menos de R\$ 1 mil.

Considerando somente os 88 mil registrados como atletas profissionais de futebol, podemos ver o tamanho da concentração de renda num esporte em que 350 jogadores ganham mais de R\$ 50 mil (0,09%). Isso sem contar os atletas sem registro (em torno de 272 mil). Desigualdade social e falcatura no futebol reproduzem o que se passa “fora das 4 linhas.” Mas às vezes exagera na dose como no caso da Copa América. Dois homens, dias atrás, decidiram num único e rápido telefonema que a Copa América será no Brasil. Dois homens que têm em comum, além de várias afinidades, a palavra assédio. Um, o presidente da República, “acusado” de assédio “moral” (?) a alguns generais do Exército, assedia o povo brasileiro com o negacionismo pandêmico. Outro, o presidente da CBF - Rogério Caboclo - acusado de assédio moral e sexual a uma funcionária da CBF.

Mas o problema maior não é esse. No país do futebol, tanto o país quanto o futebol sofrem assédio moral permanente. País assediado pelos governantes em matéria ambiental, sanitária, educacional, cultural, científica, direitos humanos e relações internacionais.

E o futebol é assediado pelo mercado, cujo principal assediador é a CBF, entidade bem conhecida do FBI. No grande projeto ultraliberal made in Brasil, a máxima pão e circo alcançou 50% - o circo -. Falta o pão, cada vez mais - os outros 50% - pra completar a matemática. O fato de sermos apaixonados pelo futebol não impede, de forma alguma, que critiquemos sua estrutura, sua mercantilização perversa, sua imagem para a formação das crianças, com juízes sendo peitados, jogadores agressivos, simulando descaradamente estarem à beira da morte ao sofrerem uma falta, alguns comemorando o gol atirando com os dedos para a torcida adversária e depois nas entrevistas agradecendo a Jesus, torcidas se matando, técnicos cúmplices e dirigentes que faturam alto nas eternas transações “desconhecidas” e, portanto, tenebrosas. Com o amor destrambelhado de Bolsonaro pelas armas e a sua liberação alucinada que ele vai continuar tentando, imaginemos que daqui a algum tempo o esporte favorito do Brasil seja .... o Tiro ao Alvo. Como vamos aderir a essa provável nova paixão, desbancado o futebol, sem fazer uma análise crítica do futuro esporte nacional? Por isso o futebol mostra minhas vergonhas. E por amar os índios. Quando encontrei, dentro da literatura de Eduardo Galeano, sua paixão pelo futebol me reencontrei com o Bangu, especialmente por sua paixão incontrolável e crítica. “*As maternidades do Uruguai são ‘insuportáveis’ porque os bebês ficam gritando gol...*” “*O futebol é uma alegria que dói, uma alegria estranha.*” “*Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais.*”

Mas, afinal, por que estou expondo aqui minhas vergonhas com o futebol? Só porque o Supremo Tribunal Federal confirmou a realização da necrófila e rejeitada Cova América?

Obs. Desculpem o erro de grafia. ....

Tudo indica que um dos maiores jogadores de todos os tempos era descendente dos índios Fulni-ô, do litoral de Pernambuco. E é mesmo provável, pois Garrincha dizia que seu maior prazer era jogar suas “peladas” no chão de terra batida da pequena vila rural onde morava, no estado do Rio de Janeiro: Pau Grande. Como um índio dançarino de pernas tortas era lá na mãe terra que ele fazia as piruetas e mágicos malabarismos que só os índios de sua tribo tiveram o privilégio de conhecer.

E somente as “sobras” de seus rituais indígenas com a pelota chegaram até nós. Enquanto Garrincha fugia da fama para celebrar com sua tribo, hoje, o envolvimento dos índios com o futebol é muito maior. “Civilizados” à força e à força, crianças de várias etnias do Xingu, principalmente xavantes, começam a sonhar em serem jogadores profissionais para, quem sabe, um dia, servir à Seleção Brasileira. O futebol praticado pelos índios, inclusive o “futebol de cabeça”, é incorporado em sua cultura de solidariedade e sentido de tribo como uma celebração à mãe terra. A própria bola feita de leite de mangaba pela etnia Paresí Haliti, do Mato Grosso, para essa modalidade, demonstra essa comunhão. Encerrando essas minhas vergonhas no futebol é importante refletir sobre o que nos disse Galeano sobre essa alegria estranha que dói. O futebol é uma alegria estranha quando nos faz sofrer ao torcer, ao perder, ao nos jogar no poço escuro e sem-volta da injustiça do resultado, ao nos submeter à humilhação do adversário vencedor. Mas esse sofrimento faz parte da essência do torcedor. O que não faz parte é a alegria que dói. Dói quando ele serve à desigualdade entre os que o praticam, dói quando a gente sabe que a origem maciça dos jogadores de futebol são os bolsões de miséria.

continua

Dói quando a gente sabe que os dirigentes, em todos os níveis da gestão - dos clubes às federações e confederações - são unanimemente originários das elites. Dói quando a gente sabe que da primeira à última palavra qualquer decisão é exclusivamente destes. Jogadores e nem mesmo os juizes do espetáculo apitam. A democracia corintiana, na década de 1980, com Wladimir, Sócrates, Zenon, Casagrande e outros foi um espasmo para dar voz aos donos do espetáculo. Não deu em nada. Agora, 40 anos depois, os jogadores da seleção brasileira, leõesinhos no campo e gatinhos acanhados fora dele, fazem um manifesto sobre a Cova América ([vide o erro de grafia já assinalado](#)) que nada manifesta do que deve ser manifestado. Elites, poder econômico e o mercado com seu moinho satânico escreveram o manifesto dos jogadores que não manifesta. Meu amor pelos índios me leva a crer que o futebol, da forma como é, está e estará, pode ser uma nova forma mais sutil de extermínio indígena. Vamos deixar os índios livres na floresta, mesmo jogando bola. Pode ser?

■ ■ ■

#### Links utilizados nas minhas vergonhas com o futebol I e II.

- 1 – <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/05/31/escarnio-copa-america-no-brasil-e-simbolo-da-destruicao-moral.htm>
- 2 – O raio x dos 360 mil jogadores de futebol no Brasil, com realidades paralelas - Cassio Zirpoli
- 3 – <https://rainhasdodrible.com/2020/06/12/futebol-indigena-a-historia-mais-desconhecida-do-brasil/#:~:text=Hoje%2C%20o%20envolvimento%20dos%20%C3%ADndios,dia%2C%20servir%20%C3%A0%20Sele%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira>
- 4 – <https://medium.com/@gustavopg/a-antropologia-vai-ao-campo-o-futebol-como-fen%C3%B4meno-multicultural-a8314f16bde>
- 5 – <https://www.efdeportes.com/ef094/sociais.htm>
- 6 – Com seleção clandestina, craques trocaram a Copa pelo sonho da liberdade - 09/06/2021 - UOL Notícias
- 7 – <https://memoria.etc.com.br/cultura/2015/04/escritor-eduardo-galeano-discorre-sobre-futebol-no-observatorio-da-imprensa>
- 8 – [https://www.uol.com.br/esporte/futebol/de-primeira/2020/05/28/pesquisa-75-dos-jogadores-do-brasil-ganham-menos-de-r-7-mil-mensais.htm#:~:text=Destes%2C%20a%20maior%20parte%20\(38,mais%20de%20R%24%20mil](https://www.uol.com.br/esporte/futebol/de-primeira/2020/05/28/pesquisa-75-dos-jogadores-do-brasil-ganham-menos-de-r-7-mil-mensais.htm#:~:text=Destes%2C%20a%20maior%20parte%20(38,mais%20de%20R%24%20mil)
- 9 – <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milly-lacomb/2021/06/10/por-que-misturar-politica-e-futebol.htm>
- 10 – [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bangu\\_At%C3%A9tico\\_Clube](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bangu_At%C3%A9tico_Clube)
- 11 – [https://pt.wikipedia.org/wiki/Castor\\_de\\_Andrade](https://pt.wikipedia.org/wiki/Castor_de_Andrade)
- 12 – <https://mirim.org/pt-br/tem-indio-no-futebol>
- 13 – [https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia\\_Corinthians](https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_Corinthians)

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*